

**Resenha do Livro “A oposição ao Estado
Novo no Exílio Brasileiro 1956-1974”**
Professor Mestre Rodrigo Castelo Branco Santos

Dados do livro resenhado:

Título da obra: “A oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro 1956 - 1974”

Autor: Douglas Mansur

Editora: Imprensa de Ciências Sociais, 2006

Número de páginas: 162

No atual cenário político, a ética (pública) dos militantes vem dando lugar ao moralismo (privado) do voluntariado. A construção de utopias e alternativas concretas aos graves problemas que afligem a grande maioria da população nacional, a partir de formulações das organizações das classes subalternas, é progressivamente substituída pela moral eticista e desmobilizadora da caridade e do assistencialismo, que anula as possibilidades das macro-transformações necessárias à resolução da “questão social” brasileira.

Douglas Mansur da Silva, jovem doutor formado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atualmente lecionando no Centro Universitário Volta Redonda (UniFOA), nos dá uma valiosa contribuição para resgatarmos uma ética política voltada para o bem-estar geral ao lançar o livro *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro 1956-1974*, publicado em Lisboa pela Editora Imprensa de Ciências Sociais.

O livro é uma versão modificada da dissertação de mestrado *A ética da resistência: os exilados anti-salazaristas do “Portugal Democrático” (1956-1974)*, defendida por Douglas Mansur em fevereiro de 2000, sob orientação de Bela Feldman Bianco no programa de pós-graduação em antropologia social da UNICAMP. A fonte primária do seu estudo foi os próprios exemplares do jornal *Portugal Democrático*, coleção devidamente arquivada no Centro Cultural 25 de abril. Em suas visitas ao centro, Douglas Mansur catalogou e analisou a coleção completa do periódico político. O autor também recorreu a outras fontes, tais como os arquivos pessoais e depoimentos dos exilados, documentos no arquivo do Estado de São Paulo, jornais, publicações e panfletos da época.

O objeto de pesquisa do livro é o periódico *Portugal Democrático*, rodado e reproduzido em São Paulo pelos exilados portugueses no Brasil por conta da ditadura salazarista. O jornal foi resultado do esforço coletivo desses exilados políticos, que trabalhavam sob uma disciplina rigorosa e sob constrangimentos externos de diversas ordens, os quais serão vistos mais a frente. O perfil profissional dos colaboradores do jornal era multifacetado, e envolvia diversas formações: políticos, operários, intelectuais, artistas, jornalistas, professores etc. integravam o seu quadro de editores e redatores. A pluralidade ideológica também era garantida: republicanos, liberais, socialistas e comunistas conviviam e lutavam nas trincheiras do *Portugal Democrático* contra o regime totalitário de Salazar.

O objetivo da obra, segundo narra o próprio autor, é “compreender as relações sociais que possibilitaram, ao longo de anos, a manutenção de uma militância no exílio” (p.25). As dificuldades eram de toda ordem. Destacaremos três. A primeira a ser mencionada é a de fundo subjetivo, de como os membros do *Portugal Democrático*

encaravam sua condição de exilados, embora não tivessem este *status* político em solo brasileiro. Como relata Miguel Urbano Rodrigues,

“O exílio é uma escola de paciência. Nenhum exilado pode manter viva a fé nos princípios que estão na origem do seu combate e sentir-se permanentemente identificado com a luta do seu povo, cumprir, numa palavra, o seu dever, se não souber vencer a amargura, o desalento, as humilhações e sobretudo a solidão que o distanciamento gera” (p.130).

Em segundo lugar, cumpre assinalar a recepção nada calorosa, às vezes conflituosa, que os exilados políticos portugueses receberam no Brasil. Diversos setores dos emigrantes patrícios radicados aqui na ex-colônia – alguns bem influentes, como os chamados comendadores –, não viam com bons olhos a chegada dos exilados, até porque muitos daqueles emigrantes alinhavam-se política e ideologicamente com o regime totalitário português. Chamados de traidores e antipatriotas, os membros do *Portugal Democrático* precisaram construir seu espaço político de militância e resistência à ditadura salazarista sob forte resistência contrária, como não poderia ser diferente.

Uma terceira dificuldade, a que merece maior destaque para o propósito desta resenha, é a construção de unidade de ação envolvendo militantes das diversas matrizes políticas e ideológicas congregadas no *Portugal Democrático*. Douglas Mansur enumera as seguintes polêmicas no tocante ao tema da unidade: “a definição do papel e das ações que cabiam à oposição no exílio; a conjugação entre teoria e prática política; as discussões sobre as estratégias de ação, os alcances e os limites pretendidos à transformação social, e a ‘questão colonial’, constituíram-se como os principais temas geradores dos debates e cisões no interior dos núcleos ‘anti-salazaristas’ do Brasil” (p.91).

Ao longo de toda a existência do *Portugal Democrático*, aquelas polêmicas nunca foram absolutamente resolvidas. O núcleo central das querelas gravitava em torno de como exercer a resistência contra o salazarismo e com quem se aliar. A trajetória do jornal, por conta destas tensões e divergências internas, foi muito errática e constantemente mudava de acordo com os ventos das conjunturas nacional e internacional. Em conformidade com esta ou aquela conjuntura, um dos grupos internos do periódico ganhava primazia sobre os demais, gerando desconforto, insatisfações, brigas e, no limite, dissidências. Assim foi, por exemplo, nos anos 1960, com a ascensão dos movimentos revolucionários em todo o mundo, principalmente na América Latina. Tal conjuntura favoreceu os membros filiados ao Partido Comunista Português (PCP), que então passaram a dominar a pauta do jornal, chegando mesmo a censurar artigos que não se alinhavam com suas diretrizes ideológicas. Esta primazia dos comunistas sobre os demais gerou tensões que mais tarde tornaram-se uma cisão no *Portugal Democrático*, com a saída de importantes membros.

A parte final do livro, que nos parece a mais rica de significados e que dá sentido a todo o resto da obra – sem ela, o livro seria um relato descritivo da militância dos membros do *Portugal Democrático* –, disserta sobre as motivações que os exilados emprestaram a sua causa, a sua resistência ético-política. No último capítulo, o autor fornece sólidas pistas

e enuncia a sua tese de como e o porquê os membros do *Portugal Democrático* conseguiram, a despeito de todas as dificuldades mencionadas acima, preservar a unidade da luta.

“A tese deste livro é a de que o que possibilitou a coesão do núcleo e sua longevidade foi a crença compartilhada na acção política como um valor para si. Embora, na prática, a ‘unidade’ se efectivasse de maneira mais intensificada em certos momentos e relativamente a certas questões, a busca contínua da actividade militante não significou apenas uma tarefa diária de enfrentamento de um regime, mas também a tentativa de se imaginar e viabilizar um outro modelo de sociedade, mesmo no exílio” (p.133).

Em tempos de ofensiva capitalista contra-revolucionária, como esta do neoliberalismo e do Império estadunidense, é um bálsamo ler uma narrativa tão bem escrita e fundamentada de uma *práxis* política de militantes lutando contra a opressão e exploração perpetradas por regimes totalitários em nome do capital. É, portanto, em boa hora, que nos chega às mãos o livro de Douglas Mansur.

Informações bibliográficas:

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico publicado em periódico eletrônico deve ser citado da seguinte forma: CASTELO BRANCO, Rodrigo . Resenha do Livro “A oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro 1956-1974”. Cadernos UniFOA , Volta Redonda, ano 2, n. 3, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/pesquisa/caderno/edicao/03/11.pdf>>